

O USO DE METÁFORAS NA POLÍTICA DO ÓDIO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA FILOSOFIA CONTEMPORANEA

The use of metaphors in the policy of hate: considerations from the contemporary philosophy

Iverson Custódio Kachenski¹

RESUMO

Neste artigo trataremos do tema das metáforas como agentes na produção do ódio a determinados grupos sociais. Para isso, usaremos as contribuições de Hannah Arendt (1906-1975) e Susan Sontag (1933-2004) no campo das metáforas (orgânicas e sobre doenças) que estigmatizam sujeitos. Tratamos da questão como manifestação de um tipo de política que suscita práticas de exclusão à determinados grupos, operando através de palavras carregadas de sentido pejorativo, cuja intencionalidade, muitas vezes, está mascarada por um campo de controle e dominação dos corpos, atrelado ao ódio racial e moral. Colocamos a discussão em outro nível, o das palavras e metáforas oriundas originalmente de diagnósticos médicos e que, de algum modo, assume outra dimensão na sociedade, qual seja: a de mortificar sujeitos através do ódio, deslocá-los e interditi-los. Desse modo, ao falarmos das metáforas situaremos as suas definições a partir do seguinte percurso. O entendimento de Hannah Arendt sobre metáforas orgânicas presente em *A Condição Humana* (1958). A afirmação de Hannah Arendt sobre as metáforas orgânicas como formas de produção de atos violentos e de discriminação, presente em *Sobre a Violência* (1969). E, principalmente, a proposta de Susan Sontag presente nos livros *Doença como Metáfora* (1978) e *AIDS e suas metáforas* (1989), de que as metáforas são enganadoras, produzem mentiras, modificam a realidade e, desse modo, passam a ser utilizadas para fins político de controle de grupos indesejados e distribuição do ódio a estes grupos. Por fim, quando necessário, recorreremos a outros autores para justificar nosso posicionamento teórico.

Palavras-Chave: Metáforas; Política; Ódio; Linguagem

ABSTRACT

In this article we will deal with the theme of metaphors as agents in the production of hatred towards certain social groups. For this, we will use the contributions of Hannah Arendt (1906-1975) and Susan Sontag (1933-2004) in the field of metaphors (organic and about diseases) that stigmatize subjects. We deal with the issue as a manifestation of a type of policy that raises practices of exclusion to certain groups, operating through words loaded with pejorative meaning, whose intentionality is often masked by a field of control and domination of bodies, linked to racial hatred. and morals. We place the discussion on another level, that of words and metaphors originally originating from medical diagnoses and which, in some way, assumes another dimension in society, namely: to mortify subjects through hate, displace and interdict them. Thus, when we talk about metaphors, we will place their definitions from the following path. Hannah Arendt's understanding of organic metaphors in *The Human Condition* (1958). Hannah Arendt's statement about organic metaphors as forms of production of violent acts and discrimination, present in *On Violence* (1969). And, mainly, the proposal of Susan Sontag present in the books *Disease as Metaphor* (1978) and *AIDS and its metaphors* (1989), that metaphors are deceptive, produce lies, modify reality and, in this way, are used to political purposes of controlling

¹ Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Mestrando em Estudos de Linguagens pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: ickthe@gmail.com



unwanted groups and distributing hate to these groups. Finally, when necessary, we turn to other authors to justify our theoretical position.

Keywords: Metaphors; Policy; Hatred; Language

INTRODUÇÃO

As palavras carregam sentidos de acordo com o seu uso, algo que Wittgenstein já nos advertiu. Mas, as palavras não inofensivas, neutras, pois elas agem no mundo. Desse modo, existem diversas maneiras de se operar através da linguagem, intencionalmente, buscando-se estabelecer significados que passam a constituir objetos e sujeitos de que as palavras falam. A que almejamos abordar trata-se das metáforas, sobretudo as discriminatórias. O entendimento léxico sobre as metáforas² é o mesmo desde que Aristóteles³ elaborou seu conceito. Ao desprender-se do caminho aristotélico surgem novas informações no campo da figura de discurso metáfora, que consideramos relevante. Sendo a metáfora uma figura de linguagem, precisamos entender o modo como esta opera na sociedade. A importância atribuída à linguagem por *Michel Foucault*⁴ é algo interessante. Daí o vínculo estabelecido por Foucault entre palavras e coisas ser uma estratégia irônica⁵, pois o filósofo considera o contrário. A relação precípua entre palavras e coisas emerge das práticas discursivas que se exercem sobre sujeitos e objetos, oriundas de saberes que buscam a verdade numa determinada vontade histórica⁶. Isso significa, portanto, compreender as práticas discursivas em seus usos específicos, como intermediária entre palavras e coisas. Decifrar as regras que instituem os significados através do exercício contínuo das palavras. Permitindo, assim, observar as coisas que o

²Paul Ricoeur, em seu livro *A Metáfora Viva* (1975), elabora toda uma compreensão em torno dessa figura de linguagem. Inicialmente, o hermeneuta francês já distribui as metáforas a partir de três níveis. O da *palavra*, da *frase* e do *discurso*. Aqui apenas nos interessa ressaltar sobre uma particularidade presente no livro de Ricoeur - a própria noção de Metáfora Viva. Ao final do texto, *Paul Ricoeur* nos indica que esta se trata de um enunciado cuja função estaria concentrada na inovação semântica que ele pode produzir, isto é, através da distorção ou desvio que as metáforas vivas causam no mundo, dão origem a um novo significado. Por isso, a denominação de *metáfora viva* atribuída por Ricoeur. Nesse sentido, a preocupação de Ricoeur estaria em não afastar a metáfora do poder que a linguagem tem ao se relacionar com a realidade exterior.

³Segundo Nicolau Abbagnano - METÁFORA (gr. uexaepopá: in. Metaphor, fr. Métaphore-. ai. Metapher, it. Metáfora). Transferência de significado. Aristóteles diz: "A Metáfora consiste em dar a uma coisa um nome que pertence a outra coisa: transferência que pode realizar-se do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, de uma espécie para outra ou com base numa analogia" (Poet., 21, 1457 b 7). A noção de M. algumas vezes foi empregada para determinar a natureza da linguagem em geral. Como instrumento lingüístico, hoje sua definição não é diferente da definição de Aristóteles. (ABBAGNANO, 2007, p.667)

⁴Como ressalta Atilio Butturi Júnior "a linguagem ocupou uma espécie de centralidade na trajetória foucaultiana" (2018,p.10)

⁵ Foucault faz esta afirmação em entrevista concedida ao Magazine Littéraire.

⁶A institucionalização do discurso provoca reconhecimento, a vontade de verdade enquanto mais um dos sistemas de exclusão se apoia nesse suporte institucional, reforçando e conduzindo diversos pactos e práticas. (FOUCAULT, 1996, p. 17)

discurso nomeia, categoriza, classifica, sedimenta, exclui, e assim sucessivamente.

O mais importante, desse modo, está em situar a palavra no seu emprego nos tipos e nas frases em diversas circunstâncias. Podemos ler esse entendimento de Foucault no campo da linguagem como “um conjunto que caracteriza para essa prática discursiva a formação de seus enunciados” (FOUCAULT, 2008, p. 200), verifica-se que a figura de discurso metáfora pode ser interpretada como prática e uso de acordo com o domínio social que ela busca exercer. Se para Foucault a palavra se impõe através de saberes que visam agir⁷ no mundo, podemos ler *as metáforas* da mesma maneira, como intercessoras da realidade e produtoras de verdades sobre sujeitos/objetos.

É desse modo que emerge o nosso primeiro percurso, o de ler as metáforas a partir de sua introdução/emprego no discurso de ódio e, por conseguinte, enquanto produtora de vulnerabilidades. Na leitura de Foucault, por exemplo, as palavras empregadas em determinados contextos exprimem vontades de verdade sobre desejos e comportamentos, por isso os saberes elaboram estratégias de produção de normas que regulam os corpos. Dessa maneira, podemos problematizar que o fato de uma doença existir no mundo não significa apenas uma descoberta clínica. Evidente que isto resulta da própria capacidade que o saber (médico) possui para designar novos objetos. Ou seja, o câncer não é apenas uma novidade que provem de certo laboratório (francês, alemão, inglês etc), mas também um modo de se categorizar determinados corpos através dessa nova distribuição ou definição pela palavra. O mesmo sucede com a AIDS, a tuberculose, o câncer. Para entendermos melhor essa situação passemos as contribuições de *Susan Sontag*⁸ no campo do uso político das metáforas sobre doenças.

A filósofa Susan Sontag em seu livro *Doença como metáfora*, escrito em 1978, coloca a nossa disposição algumas problematizações fundamentais. Dentre elas, a que nos permite entender a construção de estereótipos que cercam as doenças, especialmente aqueles estigmas provenientes das metáforas, que produzem “fantasias sentimentais e punitivas”. A preocupação de Sontag não se situa meramente no discurso médico em

⁷ Esse modo de compreender a linguagem como um modo de ação no mundo faz parte das contribuições trazidas pela teoria dos atos de fala, em que pese a afirmação de John L. Austin “ Todo dizer é um fazer”.

⁸O tema da vulnerabilidade de determinados grupos é tema constante no pensamento de Sontag. Já em seu texto seminal intitulado Sobre fotografia, a ensaísta e filósofa diz: “ As fotos declaram a inocência, a vulnerabilidade de vidas que rumam para a própria destruição, e esse vínculo entre fotografia e morte assombra todas as fotos de pessoas”.



torno das doenças. Indo além, ela insere o problema nos usos que se é feito das metáforas sobre as doenças, situando-as em estratégias que buscam edificar o ódio a grupos vulneráveis. O que há de perverso nisso seria a enunciação das doenças por metáforas que atendem a um contexto específico, o político, visando estigmatizar os sujeitos através do ódio, esquadrinhando seus corpos como aqueles que “carregam” a doença. Dessa forma, “os sentimentos relacionados com o malsão projetados numa doença, e a doença (assim enriquecida de significados) é projetada no mundo”⁹ (SONTAG, 2002, p.60). Definitivamente, quando utilizamos de metáforas para nos referirmos a alguém precisamos de toda cautela possível. Dizer que fulano é um câncer na sociedade constitui um dos modos utilizados pela sociedade construção do ódio através do valor metafórico das palavras. Ou seja, a intenção de ofender, injuriar, praticando violência pela linguagem está relacionada, principalmente, a afirmação do ódio.

AS METÁFORAS NO DISCURSO DE ÓDIO

O ponto de partida desta reflexão perpassa os fundamentos que indicam a presença do discurso de ódio em nossa sociedade como forma de produção de vulnerabilidades, pelas marcas discriminatórias que geram a exclusão. A ideia de que grupos vulneráveis se tornam alvos de metáforas faz parte do modo com que o discurso de ódio se instaura pela linguagem, fazendo com que determinados grupos se tornem (juridicamente e socialmente) desimportantes. Os corpos abjetos¹⁰ se tornaram alvo da separação em grupos, vistos como hospedeiros das doenças que, assim, se tornam alvos de metáforas. A história da política brasileira recente nos indica um trajeto de abjeção que perfaz a inserção das metáforas em discursos de ódio, de modo intencional, visando produzir vidas precárias e torná-las mais vulneráveis.

Essa característica da figura de linguagem metáfora em agir sobre o mundo pode ser lida a partir do que encontramos no livro *Excitable Speech – a politics of the performative*. A filósofa Judith Butler¹¹, neste livro, assevera que a linguagem pode ferir, pois “se estamos formados na linguagem, então esse poder constitutivo precede e condiciona qualquer decisão que pudéssemos tomar sobre ele, insultando-nos desde o

⁹ Feelings about evil are projected onto a disease. And the disease (so enriched with meanings) is projected onto the world.

¹⁰ Segundo Felipe Demetri, leitor de Butler, (2018, p.35) “pensar em vulnerabilidade é pensar no corpo”.

¹¹ Filósofa estadunidense mundialmente conhecida por seus trabalhos voltados a temática queer.



princípio, desde seu poder prévio” (BUTLER, 2021, p.12). Assim, as metáforas, como produtos da linguagem, passam ao ser usadas para fins políticos no intuito de ofender, injuriar e provocar a proliferação de discursos de ódio à grupos que são ou se tornam vulneráveis.

O que faz Butler, nesse sentido, é pensar que o insulto tem uma posição política, não sendo abstrato, que o faz produzir, portanto, efeitos reais no mundo. Isso significa entender o insulto como algo que “constitui um ser no interior do circuito possível do reconhecimento e, conseqüentemente, fora dele, na abjeção” (BUTLER, 2021, p.17). Desse modo, o poder das metáforas, lido nessa perspectiva, instaura o abjeto, por se tratar de uma forma de operação da linguagem que fere o corpo do outro.

Por isso, ao pensarmos as metáforas como figuras de linguagem que agem no mundo, produzindo corpos abjetos e vidas precárias, as leituras de Judith Butler sobre a linguagem tornam-se fundamentais, principalmente por nos mostrar que “se a linguagem pode sustentar o corpo, pode também ameaçar a sua existência” (BUTLER, 2021, p.18). Cabe, nesse sentido, questionarmos o uso das metáforas como estratégias da política do ódio, sobretudo por estas constituírem a precariedade das vidas de sujeitos abjetos e indesejáveis. *O maior problema, talvez, é quando isso ocorre em contextos políticos, como meio para descaracterizar determinados grupos sociais, minorias.* As metáforas podem se tornar, portanto, um modo de produção de subjetividades, de edificação do ódio, pois separa os sadios dos doentes, os dignos dos ímpios, de tal forma que:

Os movimentos totalitários modernos, de direita ou de esquerda, foram particularmente — e de forma reveladora — propensos ao uso de metáforas de doença. Os nazistas afirmavam que uma pessoa de origem “racial” mista era como um sífilítico. O judaísmo europeu foi, repetidas vezes, comparado à sífilis e a um câncer que precisava ser extirpado. As metáforas de doenças foram a matéria-prima das polêmicas dos bolcheviques, e Trótski, o mais talentoso polemista bolchevique, empregava-as em grande profusão — sobretudo depois da sua expulsão da União Soviética em 1929. O stalinismo era chamado de uma cólera, uma sífilis e um câncer. Usar apenas doenças fatais como imagem na política confere à metáfora um caráter muito mais aguçado. Hoje, equiparar um fato ou uma situação política a uma enfermidade significa imputar a culpa, pedir o castigo. (SONTAG, 2002, p.81-82)¹²

¹² Modern totalitarian movements, whether of the right or of the left, have been peculiarly—and revealingly—inclined to use disease imagery. The Nazis declared that someone of mixed “racial” origin was like a syphilitic. European Jewry was repeatedly analogized to syphilis, and to a cancer that must be excised. Disease metaphors were a staple of Bolshevik polemics, and Trotsky, the most gifted of all communist

CADERNOS PET, V. 13 , N. 25 ISSN: 2176-5880



Desse modo observamos uma sintonia entre os instrumentos de exclusão produzidos pela política e o exercício da linguagem metafórica pelos governos, pois “Embora as metáforas de doença jamais sejam inocentes, seria possível afirmar que a metáfora do câncer é um caso pior: implicitamente genocida”. (SONTAG, 2002, p.84)¹³. Esse é um poder que se exerce pela violência oriunda das metáforas, com funções preestabelecidas, que visam incitar a produção de vidas precárias.

Isso significa o surgimento de estratégias, sobretudo no âmbito da política e do uso de metáforas¹⁴, que tomam para si o direito de flagelar os corpos, sem que se necessite de autorização das suas vítimas. Assim, o que importa como instrumento de castigo perpétuo é o corpo. O corpo doente, vilipendiado, soterrado, humilhado, usado e descartado. Esta lógica de precarização¹⁵ de certas vidas se coloca em evidência nos usos políticos das metáforas como estratégia de construção social do ódio, por isso a importância do trabalho de Susan Sontag como “uma reação ao reconhecimento dessa radical precariedade” (JARDIM, 2019, p. 58). Ela sempre existiu, de forma cruel, todavia são nesses momentos de sordidez política do ódio que ela se escancara.

METÁFORAS ORGÂNICAS E VIOLÊNCIA: UMA LEITURA A PARTIR DE HANNAH ARENDT

A pensadora alemã Hannah Arendt dimensiona a importância das metáforas no campo da linguagem, considerando-as fundamentais na própria forma com que pensamos o mundo, a teoria, os conceitos. Por isso, apenas nos interessa neste momento articular e compreender um aspecto dessa reflexão trazida pela autora, isto é, a capacidade que as metáforas orgânicas possuem, principalmente enquanto componente da linguagem que pertence ao vocabulário que visa, de alguma maneira, instaurar violências (seja através do

polemicists, used them with the greatest profusion—particularly after his banishment from the Soviet Union in 1929. Stalinism was called a cholera, a syphilis, and a cancer. To use only fatal diseases for imagery in politics gives the metaphor a much more pointed character. Now, to liken a political event or situation to an illness is to impute guilt, to prescribe punishment.

¹³ While disease metaphors are never innocent, it could be argued that the cancer metaphor is a worst case: implicitly genocidal.

¹⁴ A noção de uso implica retornarmos à problemática foucaultiana de se assumir a constituição de verdades a partir de práticas discursivas.

¹⁵ No sentido proposto por Judith Butler. A precariedade traduz uma condição politicamente construída através da qual determinadas populações são assimetricamente expostas a contextos de violência, perigo, enfermidade, migração forçada, pobreza ou morte (BUTLER, 2009, p. 25)



racismo, seja por meio de estigmas). Nesse sentido, a reflexão está pautada em dois momentos da produção teórica de Arendt - uma problematização a partir do que consta em *A condição Humana* e outra leitura, ainda sobre o mesmo tema, através do que encontramos no livro *Sobre a Violência*.

Ao tratar do tema das metáforas orgânicas, de modo contundente, Hannah Arendt sustenta que estas não são inofensivas, pois carregariam em si certa possibilidade de ação, distribuída no campo político para separar, intencionalmente, a vida de sua forma. É nesse ponto que Arendt cita o uso da expressão material orgânico, chegando a assumir que “a história política recente está repleta de indicativos de que a expressão ‘material humano’ não é simplesmente uma metáfora inofensiva.” (ARENDR, 1981, p.201). A afirmação de Hannah Arendt indica que as metáforas orgânicas são mais do que meras expressões despidas de valor ou intenção. Pelo contrário, quando empregadas no interior da política as metáforas orgânicas instigam formas de produção de atos violentos e de discriminação. Isso significa dizer, também, que elas são enganadoras, por se revestirem de um tipo de estratégia de pensamento político organicista, “por meio da qual poder e violência são interpretados em termos biológicos” (ARENDR, 2001, p.56).

A inserção da linguagem biológica no campo da política está atrelada a um fenômeno de ordem política. Estratégia que toma para si o direito de flagelar os corpos, sem que se necessite de autorização das suas vítimas e, mais do que isso, fazendo com que surjam grupos sociais vulneráveis, estigmatizados. Olhando com acuidade a reflexão de Arendt é possível dimensionar as estratégias políticas que esse poder terminológico de - cunho biológico - contém, sobretudo ao valer-se de uma espécie de saber científico a tal ponto que “estes termos são entendidos hoje - a vida e a suposta criatividade da vida são o seu denominador comum- de modo que a violência é justificada nas bases da criatividade” (ARENDR,2001, p.56). Há, portanto, um estatuto ontológico condicionado pelas metáforas orgânicas, uma materialidade que se exerce pela violência oriunda dessas metáforas, com funções preestabelecidas e que visam incitar a produção de racismos.

A esse respeito Arendt estabelece determinada crítica feroz, a ponto de considerar ser perigoso “ se deixar levar pela plausibilidade enganosa das metáforas orgânicas e particularmente grande onde o tema racial está envolvido” (ARENDR,2001, p.55). Novamente, a autora sustenta que as metáforas orgânicas conseguem instigar violências,



racismos, mascarando a realidade discriminatória que conduz a política moderna. O pensamento organicista calcado em metáforas transforma a sociedade, edificando preconceitos e discursos eugenistas de assepsia social, no sentido claro de manipulação da realidade, numa estratégia política do ódio em que “tudo o que se pode fazer, jogadas as cartas, é exterminar os seus portadores” (ARENDRT,2001, p.55). Desse modo observamos uma sintonia entre os instrumentos de exclusão produzidos pela política do ódio e o exercício da linguagem orgânico- metafórica pelos governos. Daí a relevância da problematização de Arendt, ao mostrar-nos que

As metáforas orgânicas que permeiam a totalidade de nossas discussões atuais destes assuntos, especialmente acerca dos tumultos — a noção de uma “sociedade enferma”, cujos sintomas são os tumultos, assim como a febre e o sintoma da doença —, só podem, por fim, promover a violência. Assim, o debate entre aqueles que propõem meios violentos para restaurar a “lei e a ordem” e aqueles que propõem reformas não-violentas, começa a soar, sinistramente, como a discussão entre dois médicos que debatem as vantagens relativas da intervenção cirúrgica ou do tratamento clínico do paciente. (ARENDRT, 2001, p.55)

Esta reflexão de Arendt perpassa os fundamentos que indicam a presença do discurso biológico no campo da política, como forma de produção de vulnerabilidades. A discussão de Arendt nos leva a pensar a maneira com que grupos específicos se tornam alvos de metáforas orgânicas, baseadas em discursos políticos, expondo as artimanhas do pensamento racista. O caminho filosófico proposto pela autora, portanto, dispõe desse campo de disputa que é a política, forjado na relação entre linguagem, ação e realidade. Por isso, quando Hannah Arendt trata do tema das metáforas orgânicas no campo da política, ela está tentando nos dizer que “ o racismo, enquanto distinto de raça, não é um fato da vida, mas uma ideologia, e os atos a que ele conduz, não são atos reflexos, mas ações deliberadas baseadas em teorias pseudocientíficas” (ARENDRT, 2001, p.56). Assim, podemos entender as breves considerações de Arendt sobre metáforas orgânicas como uma espécie de advertência, de crítica a tentativa de interpretarmos tanto a sociedade como a política a luz de expressões oriundas do pensamento biológico. Esse caminho de interpretação da política através de metáforas orgânicas faz com que apareçam violências coletivas direcionadas, sobretudo, a exclusão social ou ao extermínio de grupos específicos, tornando-a comum de modo que a ação violenta coletiva, deixando de lado a sua atração inerente, pode parecer tão natural enquanto um pré-requisito para a vida

coletiva da humanidade. (ARENDDT, 2001, p.56).

METÁFORAS SOBRE DOENÇAS E ÓDIO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE SUSAN SONTAG

O diagnóstico carrega um antecedente, levando as pessoas a serem consideradas doentes antes mesmo de adoecerem. A produção de sintomas da doença, para a qual só existem paliativos, leva os sujeitos a uma “morte social que precede a morte física” (SONTAG, 2002, p.119)¹⁶. O que ocorre seria apenas a descrição sintomática no intuito de deslocar os sujeitos, pois:

O agente causador da síndrome de imunodeficiência recebe uma designação, mas não reduz o mal-estar da medicina clínica e social. Esta não tem potência para prevenir e curar com seus instrumentos, as vacinas e os remédios; apenas olha com detalhes a disseminação do vírus e da doença, produzindo a sua própria disseminação de normas e de informações. (LIMA, 1993, p.202)

A AIDS se tornou um campo de domínio político, religioso, médico e social que, através dos discursos e das metáforas, eliminam o doente da sua possibilidade de existência/narrativa, mesmo que hoje a AIDS tenha passado a ser uma doença crônica¹⁷. Sontag discute com rigor a associação entre doença e morte, principalmente, pelo uso de metáforas militares para se referir às enfermidades:

As metáforas militares usadas para descrever a Aids têm uma ênfase um pouco diferentes das utilizadas na descrição do câncer. No caso do câncer, a metáfora deixa de lado a questão da causalidade (um aspecto da doença ainda obscuro) e focaliza o momento em que as células rebeldes dentro do corpo entram em mutação, por fim saindo do local ou órgão original para atacar outros órgãos ou aparelhos – um processo de subversão interna. No caso da Aids, o inimigo é o elemento que causa a doença, um agente infeccioso que vem de fora (SONTAG, 2002, p. 103)¹⁸

¹⁶ A social death that precedes the physical one.

¹⁷ O Professor Atílio Butturi Júnior, do departamento de Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, desenvolveu toda uma desconstrução acerca dessa pretensão de se assumir a aids enquanto uma doença crônica. Parra ele, isso não se trata nada mais nada menos do que um dispositivo nos moldes delimitados por Michel Foucault.

¹⁸ But the military metaphors used to describe AIDS have a somewhat different focus from those used in describing cancer. With cancer, the metaphor scants the issue of causality (still a murky topic in cancer research) and picks up at the point at which rogue cells inside the body mutate, eventually moving out from



A doença como metáfora se tornou um instrumento de controle dos corpos, de vigilância dos comportamentos. Assim, o corpo está mergulhado no campo político, “nas relações de poder que operam sobre ele uma posse imediata, elas investem, o marcam, ou supliciam, o obrigam a trabalhar, obrigam as cerimônias, exigem-lhe signos” (FOUCAULT, 1998, p.32). Essa característica simbólica dos corpos, sobretudo os doentes, se expressa por uma gramática da doença. Desse modo, podemos considerar que, segundo Sontag:

A série de metáforas associadas a AIDS tornou ainda mais difícil suportar a doença. Susan Sontag já tinha abordado o caso do câncer, doença de que tinha sido acometida, em *A doença como metáfora*, de 1978, sempre com o propósito de desmascarar as ideias a seu respeito. Para ela, as metáforas associadas a estas duas doenças precisariam ser abandonadas e mesmo atacadas, já que são a causa do estigma, do sentimento de culpa e dá vergonha de que padecem seus portadores. No caso da AIDS, mais ainda do que no do Câncer, a reputação da doença, associada a hábitos sexuais considerados desviantes e condenáveis, aumenta ainda mais o sofrimento dos atingidos. (JARDIM, 2019, p. 57)

Assim, ao se conferir um preceito de origem metafórica que antecede a própria condição do doente- enquanto cidadão, um ser humano- passando a localizá-lo pela linguagem na doença, emerge um atributo de coação e exclusão social. As metáforas surgem na pretensão de destruir, condicionar e dominar os sujeitos. Vale lembrar que a doença, ao contrário, “não tem gramática própria. A maneira com que ela fala depende da maneira com que organizamos o que há a ser visto e ouvido” (SAFATLE, 2011, p. 12). Ou seja, isso é exatamente o que Foucault tem ressaltado em suas problematizações no campo dos saberes. O discurso verdadeiro se insere na lógica do poder por meio da vontade histórica de verdade.

Para Sontag, o reforço na exclusão dado pelas metáforas, bem como de outras imagens sobre as doenças, tem efeito de depreciar o próprio paciente, grupos específicos de sujeitos. Neste sentido, seria preciso desconstruir, produzir modos de resistências contrárias às metáforas criadas que visam mortificar o doente. A filósofa comenta que:

an original site or organ to overrun other organs or systems—a domestic subversion description of AIDS the enemy is what causes the disease, an infectious agent that comes from the outside.



Constatara muitas e muitas vezes o triste fato de que as roupagens metafóricas que deformam a experiência do paciente de câncer têm consequências bem reais: elas o inibem, impedindo-o de procurar tratamento bem cedo e de se esforçar mais no sentido de receber um tratamento competente: eu estava convencida de que as metáforas e os mitos podiam matar (SONTAG, 2002, p. 99)¹⁹

Há nas metáforas sobre doenças intenções políticas, que sustentam afirmações pseudocientíficas, que produzem identidades, estabelecendo formas de coerção e segregação. Essa é uma maneira em que a metáfora se reverbera no ódio, através de sistemas de sujeição e controle. O modo com que o as metáforas sobre as doenças constituem o ódio na política contemporânea pode ser exemplificado a partir do resgate de alguns fatos históricos referentes ao surgimento da AIDS no Brasil. Nos anos 80, época em que a “doença” teve suas aparições mais rústicas, houve a pretensão de se associar os casos de infectados com as práticas homossexuais, exclusivamente. Numa tentativa de culpá-los pela doença. Assim, parece que “toda sociedade, ao que parece, precisa identificar uma determinada doença como o próprio mal, uma doença que torne culpadas as suas ‘vítimas’” (SONTAG, 2002, p. 101)²⁰. A política do ódio visa conceber categorias de segregação social, buscando patologizar sujeitos. Ela carrega em seus discursos modos figurativos de exclusão, mas que atingem a realidade, tornando-a cruel.

O documentário *Cartas para além dos Muros* retrata muito bem essa situação. Tentou-se associar o vírus a determinados grupos, a comunidade LGBT, com metáforas, sendo uma delas AIDS como sinônimo de “praga gay”. Com a divulgação dos meios de contágio, a sociedade passou a dividir os pacientes em dois grupos: vítimas inocentes e vítimas culpadas (SONTAG, 2002, p. 97)²¹. Isso serviu como pompa argumentativa dos neoconservadores que repudiavam qualquer ideia oriunda da diversidade sexual, pois, para eles “tudo o que representava os “anos 60”, uma era de libertação, era motivo de intolerância e paranoia e, evidentemente, eles responsabilizaram os homossexuais pela

¹⁹ For it was my doleful observation, repeated again and again, that the metaphoric trappings that deform the experience of having cancer have very real consequences: they inhibit people from seeking treatment early enough, or from making a greater effort to get competent treatment. The metaphors and myths, I was convinced, kill.

²⁰ It seems that societies need to have one illness which becomes identified with evil, and attaches blame to its “victims,”.

²¹ from the demonization of the illness to the attribution of fault to the patient is an inevitable one, no matter if patients are thought of as victims. Victims suggest innocence. And innocence, by the inexorable logic that governs all relational terms, suggests guilt.



doença, e não o vírus” (JARDIM, 2019, p.57)

A instauração de um discurso de ódio, forjando pela linguagem metafórica, que advém de um lugar, cuja proveniência histórica de vontade política neoliberal que confere poder e domínio sobre o que pode ou não ser dito na ordem do discurso. Independentemente do seu valor de verdade e, mais do que isso, negando-se a existência dos sujeitos e suas narrativas. A pretensão de se buscar compreender as doenças por um viés psicológico se torna uma fonte de controle, segundo Sontag:

Há uma predileção particularmente moderna por explicações psicológicas da doença, como de tudo mais. Colocar as coisas no terreno psicológico parece garantir o controle sobre experiências e fatos (como uma doença grave), sobre os quais as pessoas, na verdade, têm pouco ou nenhum controle. A interpretação psicológica abala a "realidade" de uma doença. Tal realidade tem que ser explicada. (SONTAG, 2002, p. 56)²²

Desse modo, o olhar para dentro dos sujeitos bem como as palavras utilizadas para inquiri-los na sua enfermidade é algo fundamental na política do ódio contemporânea. As metáforas e os discursos de ódio exercem coerção direta sobre determinados grupos sociais, no caso da AIDS isso tomou proporções inigualáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo neste trabalho foi problematizar acerca das estratégias da política do ódio, principalmente considerando o uso da linguagem metafórica na produção de desigualdades sociais. Ao abordar de maneira crítica e estratégica sobre a questão, de como a linguagem produz estigmatizados, passamos por leituras trazidas por filósofos contemporâneos, tais como: Hannah Arendt, Susan Sontag e Judith Butler, que nos indicam caminhos para se pensar as estratégias da política do ódio no mundo contemporâneo.

Em seu texto *Doença como Metáfora*, como vimos, a filósofa americana sintoniza o leitor com o poder que os jogos de palavra carregam. Pois, partindo de um lugar claro e específico, tudo o que se diz sobre a doença é derivado de uma significação negativa sobre ela. Contribuindo, perfidamente, para associar a enfermidade com situações de ofensas e

²² Moreover, there is a peculiarly modern predilection for psychological explanations of disease, as of everything else. Psychologizing seems to provide control over the experiences and events (like grave illnesses) over which people have in fact little or no control. Psychological understanding undermines the “reality” of a disease. That reality has to be explained.



impropérios. Podemos observar o exercício dessas práticas negativas, no interior da linguagem, em expressões como “isso é o câncer do sistema” ou “a corrupção é o câncer do Brasil”. Seria esse tipo de linguagem, considera Sontag, que serve como forma de associar a doença com situações negativas do dia a dia, sobretudo, como instrumento de produção de verdades em torno da enfermidade. Susan Sontag explana esses acontecimentos provenientes dos discursos, algo que se assemelha ao percurso de Foucault, exemplificando através de duas doenças, a tuberculose e o câncer. No caso da tuberculose, relata à filósofa, entre os séculos XVIII e XIX associou-se os tísicos como sujeitos sensíveis, apaixonados, os que tinham sido acometidos pelo amor fatal. A imagem que temos é a dos poetas românticos.

Segundo Sontag, ao se falar em câncer emergia o espanto, um tom lúgubre, tenebroso. No campo da literatura, dos tratados médicos e dos ensaios filosóficos se demonstrou toda a crueldade cancerígena. Aspectos malévolos da doença eram mencionados incisivamente, atemorizando-se os sujeitos ao admoestá-los que caso o câncer se dissipasse pelo organismo, haveria a destruição total deste, levando-se a morte imediata. Isso se estendeu no âmbito da linguagem, dos discursos. Atrেলou-se a doença as calamidades, revoltas e fenômenos antinaturais. Portanto, se a tuberculose era, metaforicamente, associada a um estereótipo da pessoa sensível, esquelética, com tom cadavérico, o câncer também tinha suas metáforas de referência. Seria a pessoa improdutiva, incapaz, pernicioso, como no exemplo ilustrativo de que “fulano é um câncer na sociedade”. A metáfora pode ser assim: Um modo de ferir através da fala injuriosa, como nos mostra Butler; um elemento do discurso que opera na constituição de corpos dóceis e vigiados pelos mecanismos da política do ódio, uma forma de produzir atos violentos, discriminatórios e racistas, como nos mostra Arendt e Sontag. Desse modo, o que torna essas relações similares é a forma de se referir a linguagem metafórica como um modo de produção de subjetividades, que separa os sadios dos doentes, se tornando, portanto, um artifício de exclusão empregado pela política do ódio contemporânea.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.



_____. **Sobre a Violência.** Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

BUTLER, Judith. **Corpos que Importam: Os limites Discursivos do “Sexo”.** São Paulo: N-1 edições, 2020.

_____. **Discurso de Ódio: Uma Política do performativo.** Trad. de Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Unesp, 2021.

DANIEL, Herbert. **AIDS, a terceira epidemia: Ensaio e tentativas.** Rio de Janeiro: ABIA, 2018.

DEMETRI, Felipe. **Judith Butler: Filósofa da Vulnerabilidade.** Bahia: Editora Devires, 2018.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

_____. **As palavras e as Coisas: Uma arqueologia das Ciências Humanas.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **História da Sexualidade Vol I. A Vontade de Saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Em defesa da Sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GOFF, Jacques Le (org). **As Doenças têm História.** Lisboa: Terramar, 1985.

GREINER, Christine (org). **Leituras de Judith Butler.** São Paulo: Annablume, 2016.

JARDIM, Eduardo. **A doença e o tempo: Aids, uma história de todos nós.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

JÚNIOR, B.; SEVERO, Cristine G. **Foucault e as Linguagens.** São Paulo: Pontes, 2018.

MOSER, Benjamin. **Sontag: Vida e Obra.** São Paulo: Cia das Letras, 2019.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva.** Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000

SAFATLE, Vladimir. **O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem.** In scientiæ zudia, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 11-27, 2011.

SONTAG, Susan. **Illness as Metaphor & Aids and its Metaphors.** London: Penguin Books, 2002.

TAYLOR, Dianna. **Michel Foucault. Conceitos Fundamentais.** Rio de Janeiro: Vozes,



2018.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Ed. bilíngue alemão-português.
São Paulo: Unicamp, 2017.